

O que se cala: sobre nomes e sobrenomes

Jolie Gregório Caetano

Orientação: Rayanne Jarcem de Oliveira

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137134>

*Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
O meu país é meu lugar de fala
(Elza Soares, O que se cala)*

Esse texto já estava sendo escrito antes de mim, através das corp(oralidades) de mulheres que não se calavam. E dedico essas cartas à elas.

Para a minha voz

Oi pequena Jô, vou te chamar assim pois sei como você sempre amou esse apelido porque era o mais neutro que seu primeiro nome (escolhido pela sua mãe) conseguiria chegar. Eu sei o quanto você se sente estranha/diferente/menos por ser mais do que os olhos colonizados podem ver e isso te leva a lugares de solidão e isolamento. Também sei o quanto você acredita que está “inventando” essas violências constantes que tem sofrido, porque “ele nunca faria isso com você”, mas infelizmente é real e um dia você vai conseguir escapar disso, vai ser muito caro, você vai perder muito, mas para se dar um passo pra frente, as vezes é preciso deixar algumas coisas para trás.

Eu sei, que você sonha que seu pai te pegue no colo e te trate como a filha princesa que ele sempre sonhou. O que ele vê como “esquisito, pecado, péssimo”, sua avó vai chamar de “especial” e ao invés de “princesinha do papai” você vai ser a anjinha da sua avó.

Tudo que eu estou escrevendo aqui eu sei que dói muito ler, mas o processo de curar uma ferida profunda envolve também muita dor. E fique tranquila, você não vai estar sozinha, além da sua avó e da sua mãe que te ensinam sobre a existência do amor, suas amigas vão te ensinar sobre como ser amada e como amar. A sua demanda de amor

é grande, é profunda, é intensa mas ela será acolhida por suas irmãs de outros úteros que vão te entregar aquilo que sempre sonhou, tanto que não vai nem passar na sua cabeça aquela pergunta que tanto nos persegue: “será que eu acredito que essa pessoa me ama?”.

Essa carência por amor, cuidado, acolhimento e escuta vai te levar também a relações amorosas (sim, nós já tivemos 3 namorados até agora quando escrevo essa carta) e você vai aprender com essas experiências que ser útil é diferente de ser amada. Eu sei que é difícil para nós notar quando isso está acontecendo porque você já tem visto que só recebe atenção e carinho quando corresponde ao desejo dos seus pais. Eu entendo também o quanto você vai aprender que você é muito tolerante a dor, que você é forte e que nada te abala, mas na verdade, não somos não. Todos os machucados, as violências a que somos submetidas doem muito, e está tudo bem doer, saiba que você pode sentir dor e acima disso você não precisa se calar.

Não é que você é tímida, ou não tem voz, é que suas palavras estão enterradas diante de tantos gritos que ecoam aí dentro da sua cabeça. Pode pedir socorro, por mais que por muito tempo ninguém veio te ajudar naqueles dias ou noites de tanta agonia que a única coisa que você pedia era que acabasse logo, agora temos irmãs a quem podemos confiar. Eu entendo que muitas memórias estão soterradas aí e eu agradeço por você ter feito isso pela gente, eu sei que esse seu esforço de esquecer tudo que aconteceu, foi para que possamos ter um pouquinho mais de paz, mas um dia, vamos nos tornar escavadoras de nós mesmas (como uma paleontóloga que você sonha em ser) e aí teremos que desenterrar tudo. Infelizmente, não olhar pro medo não vai diminuir a dor.

E por mais que, uma grande parte da sua família já dada vai te abandonar, desmentir, invalidar, etc tenho uma ótima notícia, você pode escolher uma nova família. Sim, essas pessoas as quais você sonha em ter como irmãs na verdade já são, elas que vão te acompanhar nessas duras escavações que vamos fazer. Infelizmente, a sua avó Dalila, sua segunda mãe, vai te deixar em um momento da sua jornada para te acompanhar a partir de outros lugares desconhecidos da existência, mas os ensinamentos que ela te deixou são muito preciosos. Nunca se esqueça que ela, de um modo muito pombagiresco te aconselhava: “nunca ame mais que o outro” e também “quem se mata, morto fica”. Pode não fazer muito sentido agora essas falas, mas elas vão te acompanhar durante toda a sua existência, até porque em um momento esses desenterrares vão te soterrar e isso vai te sufocar, mas estenda a mão, não se mortifique, tem alguém para puxá-la logo ali.

Uma curiosidade muito legal, é que essas mulheres que você tanto admira e se espelha também vão se ver no seu reflexo, você vai inspirá-las um dia. Sua avó vai abrir um novo caminho para você, mas sua mãe também vai estar contigo durante sua jornada de se tornar a mulher que sempre quis ser. Inclusive, ela quem vai escolher seu segundo nome, JoLie, uma junção do seu apelido afetuoso (Jô) com o apelido dela (Li). E mais uma curiosidade, esse nome significa bonita e, por mais que você não se veja assim e que tenha aprendido a odiar sua aparência, é justamente quando você parar de olhar pro espelho do Narciso e começar olhar para o de Oxum, que você vai finalmente entender o quanto você é linda e que “tem uma luz inexplicável” (palavras da sua querida avó).

Sim, tem muitos tempos difíceis à frente, mas carregue esse mantra no seu corpo: “Não precisamos pertencer a todo lugar do qual a colonialidade/sociedade nos expulsa” (Andreone Medrado, 2024). Isso vai tornar as coisas muito mais fáceis de lidar, é claro que você vai precisar reivindicar muitos desses lugares e lutar para permanecer ali, mas lembre-se que nas brincadeiras você sempre era a Xena (a princesa guerreira) e na vida adulta não muda muita coisa. Porém, guerrear cansa né? Infelizmente ainda me pergunto se teremos algum lugar para descansar... mas tenho uma pista desse não lugar, e essa pista está na Mãe.

Eu sei que você nunca achou possível que existiria alguma chance de você ser mãe, mas talvez você tenha contado essa narrativa de não querer ser mãe, justamente pelo medo de nunca poder ser. Mas, fique tranquila, você pode e você vai. Não daquele jeito convencional e normativo, mas vai chegar uma criança no seu caminho que vai te chamar de tia-mãe e de jacaré (porque você não é homem, nem mulher), ele vai alegrar quase todos os seus dias e vai te mostrar que existe sim um lugar afetivo de descanso e de repouso onde você vai conseguir ser você mesma sem se preocupar. Seu filhobrinho vai te mostrar um outro amor que nunca te foi apresentado e é isso que vai te transformar.

Por muito tempo você vai acreditar que amar é se armar, e realmente é, mas não é somente isso. Amar é também saber quando podemos deixar um pouco as armas de lado porque sabemos que estamos seguras nesse campo de batalha vivencial e aí, sim, você vai poder TRANSbordar o amor que há muito tempo não encontrou destino ou lugar. Às vezes é preciso se armar de novo para continuar amando, mas tem batalhas que valem a pena. Você também vai entender que amar é às vezes soterrar, mas também desenterrar no tempo oportuno ou às vezes, enterrar, deixar lá, regar de vez em quando e ver o que se torna.

De alguém que acredita em você, pequena Jô.

Para minha vó

Oi vó, eu queria te contar um pouco sobre o quanto o seu conhecimento importa, não só para mim, mas para todas nós mulheres negras insubordinadas que procuram formas de falar diante do silenciamento (colonial). Eu gostaria muito de te apresentar uma mulher que se chama Dra. Conceição Evaristo, ela tem alguns livros como *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2024), *Olhos D'água* (2016), *Ponciá Vicêncio* (2017) e a tese de mestrado “(A) escrevivência e seus subtextos, 2020” em que ela apresenta sobre *Escrevivências*. Tenho certeza que a sra iria amar essa ideia. Ela fala, basicamente, sobre uma forma de escrita que preza pelas histórias coletivas de mulheres negras e, em sua maioria periféricas, e em como essas vivências que vocês contavam para nós eram/são formas muito potentes de produzir saberes e ressignificar sofrimentos através da potencialidade do coletivo.

Inclusive, uma frase do livro *Olhos D'água* que me faz lembrar de ti e que faz meus olhos encherem d'água é a seguinte: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro” (Evaristo, 2016, p.68), e você, minha segunda mãe, como costumava te chamar, me ensinou a como suturar a vida que corta, que machuca, com fios de ferro, de modo que aquela ferida não seria mais “futricada”. Inclusive, tem um livro sobre isso que se chama *Veias Abertas da América Latina* (1987) de Eduardo Galeano que fala sobre essas feridas que o Colonialismo produziu em nosso povo (ps: colonialismo é um sistema que surge junto com aquela época próxima da Escravidão em que alguns países se acharam melhores que outros e quiseram colonizar os “inferiores”). Na linguagem acadêmica, o que a sra chamava de “Crueldade de Branco” é justamente essa forma que a nossa sociedade funciona, toda pensada de Brancos para os Brancos e que, portanto, todo mundo que foge desse estereótipo de ser, é considerado “menos humano” e logo, passível de ser violentado por diversas frentes.

Uma dessas violências que, inclusive a sra sofreu muito, é ter o seu conhecimento de raízes e ervas invalidado diversas vezes pela medicina tradicional, justamente porque é um saber/fazer que não vem da lógica do Colonizador/medicina ocidental. Nós chamamos essa prática de Epistemicídio, como a autora Sueli Carneiro (2023) traz, onde os saberes são colocados em posição de mais ou menos

válido/verdadeiro conforme uma norma construída por um povo específico, em um momento histórico específico, em que eles contam e produzem histórias da forma que melhor os agrada.

Por isso, o que eu contei sobre a Dra Conceição é tão importante, justamente porque ela escancara e deixa gritar essas vozes que foram tão caladas pelo sistema e, ao fazer isso, ela produz algumas rachaduras nesse muro colonial e permite que façamos nossas cercas de si de um modo que seja mais condizente com nossos terrenos vivenciais.

A famosa Ciência, que também te calou, não é um conhecimento universal, puro. Hoje em dia, através do movimento descolonial, podemos tirar essas vestes de verdade absoluta e olhar para os manequins que costuraram essas roupagens e ver que a maioria são homens brancos de uma determinada localidade geográfica e tempo histórico, e que tem a audácia de dizer o que podemos ou não fazer, saber, ser, poder.

Vó, hoje posso falar sobre tudo isso porque a Sra não se calou. Obrigada pela desobediência.

De alguém que sempre tenta coser a vida com fios de ferro, sua neta, Jolie.

Para minha vó(z) e outras vozes

Queria começar destacando que o sobrenome da minha família materna, que parou na minha geração, é Calado. É, no mínimo, simbólico essa demarcação de nome parar em mim, mas será que não sou calada? Não tanto quanto elas, evidentemente, mas acima de perguntar se sou calada, ecoa em mim o questionamento: será que posso falar?

Sou bisneta de Júlia Calado e neta de Dalila Calado, mulheres indígenas nascidas no interior da Bahia (em Caculé). Minha bisavó casou-se com Joaquim, homem preto e vindo de um contexto de escravização, portanto seu sobrenome e essa parte da família ficam apagados. Porém suas rezas, feitiços e feições permanecem como uma herança que teima em se mostrar e que se entrelaça nas nossas inscrições e feitura de mundo. Dessa forma, mesmo que houvesse a violência do silêncio, ainda assim, há nas fissuras da tradição, possibilidades de escutar falas, gritos e sussurros rezados que permaneceram.

Além disso, minha bisavó em sua perspectiva de coletividade e comunidade, que muito provavelmente foi repassada a ela em suas vivências como mulher indígena,

marcam toda a história posterior da minha família. Da mesma forma, minha avó, matriarca da família, unia todos nós em seu entorno sendo que permanecemos vizinhos por longos anos, não só todas as crianças da família foram criadas juntas, como também o processo da maternidade era compartilhado. Por conseguinte, eu fui “criada” (uso essa palavra de propósito guardando toda a sua potência) pela minha mãe em conjuntura com minha avó e com pitadas das minhas tias. Logo, o que se cala mas grita na minha família, é também o ensinamento ancestral do cuidado coletivo.

Dona Dalila Calado era silenciosa mas precisa nas suas falas, lembro dos seus ensinamentos de folhas e ervas, mas acima disso de uma frase que ela sempre dizia: “Nunca confie nos brancos”. Provavelmente, ela mantinha dentro de si toda raiva e vontade de vingança de alguém que foi violada pelo marido (“pega a laço”), pela sociedade (por ser negra e indígena) e talvez, a única possibilidade de sublimação era na sua insubordinação em relação ao marido que foi sendo construída aos poucos. Ouvi histórias de que uma vez ele ameaçou agredi-la, ao passo que ela respondeu, “não esquece que você dorme a noite” e depois disso, nunca mais houveram ameaças. Porém, essa postura arredia não a eximiu do sofrimento de viver um casamento arranjado durante toda a sua vida e que, indiretamente, causou sua morte.

Outrossim, seu nome (Dalila) simbolicamente também representou uma personagem bíblica que, em um ato de traição, cortou os cabelos do marido que lhe davam força. E talvez, assim também ela fez da sua própria forma, ao incentivar que seus filhos buscassem por algo para além do que foi oferecido para ela e que o marido se opunha. Infelizmente, ela não teve êxito com alguns deles, que viam a realidade da mãe como a única possibilidade de ser e estar no mundo, mas com outros filhos ela fomentou a vontade de sonhar.

Aprisionada e calada por várias frentes, em muitos momentos isso foi tudo que ela pode passar para as gerações posteriores, mas em vários outros ela deixava escapar lampejos da mulher que habitava ali dentro. Como diria Elza Soares, “a mulher dentro de cada um não quer mais silêncio” e assim fazia ela, nos seus ensinamentos de cautela com o “povo branco” ou quando ela, em sua sensibilidade, me perguntou: “você é mulher?”, quando eu tinha 14 anos. Essa simples pergunta, fez “a mulher de dentro de mim” sair do meu texto para finalmente afirmar, assim como Elza: -“a mulher sou eu”.

Portanto, vejo através de minha avó ensinamentos ancestrais que insistiram em persistir na nossa família mesmo diante do apagamento/silenciamento. Minha mãe, Eliane, também continua esse legado com muito afinho. A primeira pessoa da família a

se formar, tornou-se professora e saiu de casa muito nova, claro que manteve-se nos entornos da casa da mãe, como era a tradição, porém nutriu e sonhou com raízes que iam para além do terreno do familiar. Professora de matemática e uma artesã da costura (assim como a mãe), ela sim, a cada dia se recusa a se calar. Ela já não carrega mais o sobrenome Calado e, por conseguinte, faz jus a toda luta protagonizada pelas que vieram antes dela para que as mulheres de sua geração já não ficassem mais em silêncio.

Minha mãe, já teve sua maternidade negada no primeiro filho graças às mãos violentas da branquitude que, na figura de um estagiário de medicina, insistiu em realizar o exame de dilatação utilizando uma tesoura (equipamento médico) e rompeu a bolsa amniótica no 6º mês de gestação. Dessa forma, o projeto de genocídio citado pela professora Tinuawé Efunsetan, nos permitiu nomear essa violência que por muitos anos se manteve inominável na minha família. Quando apresento a fala da professora para minha mãe, ela chora e se vê nos diversos relatos apresentados na aula sobre a necropolítica que já começa antes mesmo do parto, especialmente para mulheres pretas.

Dessa maneira, esse grito também é por ela, que me ensinou a não me calar. Que me ensina diariamente, da mesma forma, a ter cuidado com a branquitude que através dos seus diversos mecanismos perversos busca nos matar. Mas, sobrevivemos e acima disso, resistimos porque a re(existência) nos é familiar, como nos ensinou Dalila e Júlia, antes dela. Hoje minha mãe cita Grada Kilomba, Frantz Fanon e Bell Hooks como seus amigos, numa brincadeira dengosa de quem já se familiarizou com esses autores e, que também graças a essas leituras, consegue nomear e fabular futuros outros de quem já não mais se cala.

Por fim, me apresento novamente. Jolie é a junção do meu apelido de sempre (Jô) com o apelido de minha mãe (Lie). Num ato de renomeação e resistência, penso esse nome para me reinscrever no mundo enquanto mulher, mulher Elza, cuja face foi moldada por mil nações e que usa a sua voz para dizer o que se cala. Buscando sempre ser feliz no vão, no triz e cuja travestilidade é força que me embala.

Redes de afeto, possibilidades de nomeação, Sublimação, Raiva, Coletividade, são alguns ensinamentos familiares que nos possibilitaram continuar e seguir firmes fabulando e gritando outras possibilidades de existir. Não somos mais Caladas.

Obrigada por não se calarem,
Com amor,
Jolie Gregório Caetano.

Referências

ANDREONE MEDRADO. A desistência enquanto ação anticolonial. Instagram, 15 mar. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C4iUWoWrQEM/?img_index=6

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, v. 1, p. 26-46, 2020.

_____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2024.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOARES, Elza. Dentro de cada um. *In*: **Deus é Mulher**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2018. 1 faixa de áudio.